



A CASA DO MAGO DAS LETRAS
LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

L P Baçan

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita
desde que sejam preservadas as características originais da obra.

CAPÍTULO 1

Após a saída das aulas, Bessie Connoers, Dorothy Spring e Nelly James se dirigiram ao "Harold's" para um refrigerante. O local era uma lanchonete nas proximidades de Graduated School of Guilmond, sempre tomada pelos estudantes dos diversos períodos.

Bessie caminhou na frente, por entre mesas, à procura de um local para as três. Era alta e de uma beleza radiante. Grandes olhos azuis e cabelos curtos que lhe davam um ar displicente e juvenil.

Nelly era morena e um pouco menor que Bessie, mas igualmente linda e atraente, com os cabelos soltos e o corpo escultural.

Dorothy, pelo contrário, era o oposto das amigas. O corpo magro, olhos castanhos ocultos por trás de grossas lentes que lhe davam a aparência de uma intelectual, além dos cabelos constantemente presos no alto da cabeça. Ao inverso das amigas, inspirava formalidade e não esportividade.

— Aqui! — gritou Bessie às outras, ao encontrar uma mesa desocupada.

Sentaram-se. Um garçom atendeu-as. Pediram refrigerantes e sanduíches.

— Eu prefiro uma cerveja — disse Nelly.

— Não se esqueça de que teremos de voltar à tarde para as aulas de laboratório, Nelly — lembrou Dorothy, a mais conservadora.

— E daí? É preciso um bom estimulante para suportar aquelas aulas. Detesto o Professor Smith e seu formalismo científico.

— Por favor, não vamos falar em aulas agora — pediu Bessie. — Estou mais interessada em outra coisa.

— O quê? — quis saber Nelly.

— O baile da primavera, no próximo sábado. Já escolheram seus pares?

— Eu irei com Peter — disse Nelly.

— Eu ainda não escolhi — desculpou-se Dorothy, mas as amigas sabiam perfeitamente que ninguém a convidara.

— Pois eu também não escolhi — falou Bessie — Já estou cansada desses rapazes inexperientes.

— Rapazes inexperientes? O que quer dizer com isso, Bessie? — perguntou Dorothy.

— Você me entendeu bem. Baile, refrigerante e cachorro-quente. Acho que posso querer alguma coisa mais do que isso e alguns beijos trocados dentro do carro, não posso?

— Aonde quer chegar? — indagou Nelly.

— Olhe para nós três. Já passamos dos dezoito e o que temos para mostrar em termos de experiências? Nada. Nunca estivemos com um homem de verdade.

Dorothy se scandalizou, arregalando os olhos e levando a mão ao colarinho da blusa, como se estivesse sufocada.

— Está doida, Bessie! — exclamou.

— Deixe de ser formal, Dorothy. Não vá me dizer que nunca pensou nisso antes? Não há uma garota normal que não tenha pensado nisso.

— Acho que ela tem razão. Dorothy — falou Nelly. — Eu também já estou cansada disso. Esses rapazes não sabem conduzir as coisas, estão mais preocupados em falar sobre música, alistamento no exército e estudos. Eu sempre quis algo mais excitante do que isso.

— Pois eu nunca pensei nisso antes — falou Dorothy, levantando a cabeça muito séria.

Será? — retrucou Bessie com ironia e um tom de gozação na voz — Poderia?

— O que quer dizer com isso?

— Deixe de ser tola, Dorothy. Você não consegue nada com homens mesmo.

— Como não?

— Já se olhou no espelho? Que atração você pode despertar com esses óculos enormes,

com esses cabelos presos e com essas saias compridas que você usa?

— Não sou o que você está pensando — protestou Dorothy, corando.

— E o que você acha que eu estou pensando?

— Bessie, não seja tão dura — repreendeu-a Nelly.

— Mas é verdade, Nelly! Dorothy parece evitar os homens.

— Tolice!

— Olhe para ela. Diga que não é verdade.

Nelly observou Dorothy com o canto dos olhos e teve que concordar com a amiga. Dorothy era absolutamente desinteressante.

Dorothy respirou fundo, terrivelmente ofendida e magoada. Principalmente porque Bessie havia dito a verdade, mas, por mais que tentasse, não conseguia se mostrar interessante para ninguém.

Sempre se julgara feia e isso lhe causava uma enorme insegurança, além de um complexo de inferioridade que não conseguia superar.

Nelly se apiedou da amiga.

— Olhe, vamos falar de outra coisa, Bessie. Isso está magoando Dorothy, não é direito.

— Deixe-a falar, Nelly. Bessie está com a razão. É uma coisa que nunca falei com ninguém, é interessante saber a opinião dos outros.

— Está vendo? Ela reconhece — afirmou Bessie, com maldade.

— Bessie, por favor! — insistiu Nelly.

— Está bem, Bessie. Você se julga tão esperta e tão segura, pois vou lhe fazer um desafio. Alias um desafio para vocês duas.

— Que tipo de desafio?

— Vamos ver quem, após o baile do sábado, terá alguma coisa excitante para contar às

outras, entenderam? — propôs Dorothy.

— Dorothy, não sabe o que está falando — protestou Nelly.

— Como não? Todas nós ansiamos por um momento íntimo em nossas vidas vocês acabaram de afirmar. Acontece que não vamos deixar isso por conta do destino simplesmente. Nós vamos sair à procura desse momento.

Bessie riu, divertida com a audácia de Dorothy.

— Não ria, Bessie — repreendeu-a Dorothy. — além disso, quero ver quem vai melhor acompanhada ao baile.

Bessie riu ainda mais, chamando a atenção dos presentes na lanchonete. Nelly também não deixou por menos. O que Dorothy propunha era simplesmente ridículo. Ela nunca teria condições de se fazer acompanhar por algum garotão simpático.

— E então, aceitam? — insistiu Dorothy.

— Está bem, querida. Aceitamos. Mas aquela que vencer, o que terá das outras? — indagou Bessie.

— Sim, seria interessante apostarmos algo então — emendou Nelly.

— O que vocês quiserem — respondeu Dorothy, decidida.

— Então vamos fazer o seguinte: decidiremos após o baile, está bem? — propôs Nelly.

— Sim, está bem para mim — concordou Bessie.

— E para mim também — afirmou Dorothy.

* * *

Tom Parker, do primeiro time de basquetebol da escola, encontrava-se naquele momento numa situação delicada. À sua frente, a ríspida secretária da escola lhe dava um ultimato:

— Sabe muito bem o que isso significa, Parker. Se não pagar suas mensalidades, terá que deixar a escola...

— Mas o treinador disse que...

— O treinador propôs isenção de taxas aos jogadores do time, mas o Conselho recusou. Se fôssemos dar isenção aos jogadores dos diversos times da escola não teríamos renda alguma. Concorda que isso seria desastroso para nós, não?

— Sim, mas eu não estou em condições de...

A Sra. Carlson, a secretária, olhou pela janela. Estacionado junto à calçada, o *dragster*, carro especial adaptado, pertencente a Tom, reluzia seus cromados ao sol.

— Creio que aquele seu carro vale mil e quinhentos dólares, Parker. O bastante para pagar suas mensalidades durante todo o curso.

— Eu ganhei aquele carro — protestou o rapaz.

— Melhor. Não terá prejuízos algum.

— Não pode me pedir isso.

— É uma escolha que terá de fazer, Parker.

O rapaz mordeu os lábios, contendo sua vontade de proferir alguns palavrões. Suas mãos se crispavam demonstrando toda sua irritação.

— Está bem, vou ver o que posso fazer — disse ele, virando-se e saindo apressadamente.

Quando subiu no carro, o treinador do time de basquete o chamou:

— Tom, espere aí, rapaz.

Tom ligou o carro e aguardou.

— Já esteve lá? — indagou Vick Monroe, o treinador, pulando para o assento do carro.

— Sim, foi uma grande sujeira.

— Eu tentei de tudo.

— Sei disso. Agora só me resta vender o carro ou então arrumar um emprego. Se fizer isso, não poderei estudar. Estou numa enrascada terrível.

— Vejo que está muito nervoso, venha comigo vou pagar-lhe uma cerveja lá no "Harold's".

— Não tenho vontade. Além disso, as regras dizem que...

— Ao diabo com as regras. Estamos num momento especial, já que você corre o risco de ser expulso da escola.

— Está bem, vamos — concordou ele, desligando o carro.

A entrada de Tom e Vick na lanchonete foi recebida com o girar de cabeças femininas. Ambos eram altos e de ombros largos. Vick tinha cabelos encaracolados e rebeldes, olhos cinzentos e profundos, além de uma figura que exalava vitalidade por todos os poros.

Tom, com seus cabelos lisos e compridos, seus olhos escuros, sua figura máscula, foi o responsável por muitos suspiros contidos.

Ambos ocuparam uma pequena mesa ao lado daquela ocupada por Bessie e suas amigas. Tom, perdido em suas preocupações, sentou-se rapidamente, permanecendo de cabeça baixa.

Apenas a levantou quando o garçom trouxe as cervejas.

— Muito bem, Tom. Vamos ver o que poderemos fazer.

— Não há nada, Vick. Já andei pensando em algumas coisas, mas todas me parecem impossíveis.

— Poderemos realizar um jogo contra alguma equipe de uma das cidades vizinhas. A renda poderia ser usada...

— E os outros jogadores? Não seria justo com eles.

— Eu falarei com todos, eles compreenderão.

— Esquece que eles também estão no mesmo caso que eu? A renda mal dará para pagarmos as mensalidades de um de nós. Não é uma boa solução.

— Está certo. De quanto você dispõe? Posso emprestar o restante.

— De quase nada. meus pais são agricultores no interior do Estado, minha mesada mal dá para a minha subsistência. Eu contava com uma bolsa de estudos quando entrei na escola, mas não a consegui. Havia outros em pior situação que eu.

— Diabos! — exclamou Vick, com irritação, esmurrando a mesa.

— Acalme-se — recomendou Tom, notando que os outros os observavam.

— Não posso ver você sair do time; é um dos meus jogadores principais.

— Eu tenho uma solução.

— Qual é?

— Posso vender meu carro.

— Você teria coragem de fazer isso?

— É o único modo. Ele só me dá despesas. Com o dinheiro eu poderia pagar as mensalidades.

— Mas eu sei o quanto aquele carro significa para você. Foi ganho na melhor aposta de toda a cidade durante o campeonato. Você lutou como um louco na quadra para vencermos aquela partida, merece ficar com o carro definitivamente.

— Isso significa minha saída da escola.

— Sei disso, mas não faça nada por enquanto. Tentarei pressionar um pouco mais o Conselho da Escola, talvez consiga algum resultado.

— É inútil, eles não cederão.

— Não custa tentar mais uma vez. Você vai ficar? — perguntou Vick, terminado sua bebida.

— Sim, quero pensar um pouco. Além disso, ainda não terminei a cerveja.

— Está bem, eu o vejo à tarde nos treinamentos.

— Certo.

Vick saiu, deixando Tom sozinho com seus pensamentos. Na mesa ao lado, Bessie e Nelly se levantaram para sair. Dorothy lhes deu uma desculpa qualquer e permaneceu sentada.

Quando as amigas se afastaram. Dorothy passou para a mesa ocupada por Tom.

— Escute, Tom, não pude deixar de ouvir sua conversa com Vick, você está em apuros?

Tom levantou a cabeça para olhá-la. Eram da mesma classe, mas Tom apenas a conhecia de vista. Dorothy era a mais inteligente da turma, sempre com boas notas e recebendo distinção em todas as matérias.

Aceitou o interesse dela com simpatia. precisava de alguém com quem conversar e desabafar seus problemas.

— Sim, tenho que pagar cento e vinte dólares de mensalidade atrasadas e não tenho nenhum dinheiro.

— Cento e vinte? Só isso?

Tom a olhou com surpresa. Cento e vinte dólares, para ele, era o dinheiro de três mesadas. Não sabia, porém, o que aquilo poderia significar para ela.

— Você é rica?

— Meu pai é corretor, cento e vinte dólares é menos que a minha mesada.

— Sorte sua — respondeu ele, achando profundamente antipática aquela observação, desinteressado em continuar aquela conversa.

Terminou rapidamente sua cerveja e já ia se levantar. Dorothy precisou reunir toda a sua coragem para estender a mão e segurá-lo pelo braço.

— Não vá ainda, talvez eu possa ajudá-lo.

Tom olhou para ela, irritado. em que ela poderia ajudá-lo? Notou, porém, que Dorothy parecia ter uma proposta importante a lhe fazer.

Sentou-se. Dorothy ainda o segurava pelo braço. ele olhou para aquela mão fina e delicada e depois para o rosto dela. A moça retirou a mão apressadamente.

— como você me poderia ajudar?

— Desde que você me ajudasse em troca.

— Não entendi.

— Bem, sábado haverá o baile anual, eu tenho de conseguir alguém para me acompanhar — disse ela, abaixando a cabeça como se estivesse envergonhada.

Seu rosto se tornou avermelhado e sua voz tremeu ligeiramente. Seu coração, no entanto, parecia querer sair-lhe pela garganta, tal o esforço que fez para dizer aquilo.

Tom a olhou surpreso, ainda sem entender, aonde ela pretendia chegar. Havia uma interrogação em seu olhar.

— Entendeu o que eu quis dizer? — indagou Dorothy.

— Sinceramente, ainda não.

— Quer me acompanhar ao baile?

Tom ficou perplexo, depois começou a rir. Um riso nervoso, de desabafo, que fez Dorothy encolher-se toda em sua cadeira, terrivelmente humilhada.

— Você é um grosso! — exclamou a garota, levantando-se abruptamente.

Desta vez foi Tom que a segurou pelo braço. Aquela pressão firme fez Dorothy estremecer, tomada de súbita emoção. Uma sensação estranha e indefinida passou pelo seu corpo, arrepiando-a.

Ela se sentou, submissa.

— Desculpe-me, não estava rindo de você. É que sua proposta foi...

— Absurda?

— Não, eu não quis dizer isso.

— Está bem, aceito suas desculpas.

— Muito bem. Pelo que entendi, você disse que poderia me ajudar se eu a ajudasse. Você quer ir ao baile e precisa de um acompanhante. Quer que eu seja esse acompanhante?

— Sim, quero.

— E o que terei em troca?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

